



Multiplicam as famílias e a exclusão social

Helena Brás, 37 anos, de S. Tomé e Príncipe, está há quatro anos em Portugal e veio para acompanhar a filha, a Páscoa. Era a única criança que trazia, mas agora tem três. A INPS, de quatro anos e de quem estava grávida, e o Pedro Gil, de sete meses, fruto da relação com Silvino Silva, um conterrâneo que conheceu em Portugal. Ela deixou quatro filhos em S. Tomé, entre os 7 e 20 anos. Silvino também veio acompanhar a filha e deixou dois filhos. Nenhum dos dois pensa regressar ao país de origem. Este é um fenómeno recorrente, segundo Manuela Martins, da Fundação do Gil, e que diz multiplicar as situações de exclusão social. "É um acordo que na base é maravilhoso, mas que pode ter efeitos contrários aos que estiveram na sua origem", diz, sublinhando: "Normalmente, não vem quem é importante para a criança, mas a quem interessa vir. Quando chegam cá desinteressam-se, refazem a vida e arranjam trabalho. Quando acabam os tratamentos e chega a hora de regressar ao país, tudo se desmoronou. A pessoa, seja homem ou mulher, já organizou outra família e que vive em carência social. Por outro lado, a família que ficou no país de origem também está coxa". Para evitar estas situações, a Fundação está em conversações com os governos e associações sociais dos países de origem para que as crianças venham directamente para a Casa do Gil, cortando-se, assim, o fluxo migratório dos familiares. Hoje mesmo, Manuela Miguel Martins e Margarida Pinto Correia estão na Guiné-Bissau, onde foram levar um menino, que foi tratado à fenda no palato e ao lábio leporino. Veio com a mãe que estava grávida de sete meses e ele precisava de aqui viver pelo menos 18 meses. Decidiu-se que o melhor era reenviar logo a mãe.

Baratas a passear e ratos no pão

Alojamento. Falta de dinheiro e de condições das pensões empurra doentes para centros temporários

A Pensão 25 de Abril é no segundo andar do número 103 da Rua de São Paulo, em Lisboa, onde as paredes estão pintadas de branco e há uma sala de estar e cozinha arejadas. E quem a visita, pensa que se restringe a este patamar. Engana-se. Um piso acima, os quartos são escuros, sem janelas ou com elas fechadas, e as paredes já perderam a cor. Ganham buracos, teias de aranha e humidade. Há baratas a passear e ratos que comem o pão. Os dois andares têm uma coisa em comum: uma casade banho para todos. Vivem no terceiro andar cerca de 30 adultos e dez crianças.

"São jornalistas, venham ver!" Foram os gritos que nos levaram ao terceiro andar. Subimos, perante uma proprietária impotente. Resta-lhe subir também. "Vamos arranjar este piso", diz. Desculpas que já ouvimos da mesma senhora na Pensão Camões, no Chiado, onde estivemos antes. Dessa vez, não nos largou, mesmo quando argumentámos que os residentes tinham direito à privacidade do seu quarto.

Os quartos são pequenos, sem luz natural, têm duas camas, às vezes mais se há crianças, em ambas as pensões. Há mesas, cadeiras, roupas, alimentos, utensílios domésticos e de limpeza. Tudo! A cozinha é numa divisão interior, escura, e não há sala para as refeições. "As pessoas viviam pior de onde vieram", desculpa-se a dona.

Sáimos da Pensão Camões e dirigimo-nos à Pensão 25 de Abril, uma distância que a pé se faz em 20 minutos. Estávamos a conversar com os residentes quando sentimos uma respiração ofegante. Olhámos e era a mesma mulher. Mas os ânimos exaltados de alguns residentes não lhe deixaram manobra para controlar.

O homem que chamou os jornalistas é Silvino Silva e vive com Helena Brás, uma conterrânea de São Tomé e Príncipe, a quem se uniu em Portugal. "Viviam aqui três crianças, está tudo ao monte, cheio de baratas, os ratos comem o pão e a comida das crianças. A embaixada não nos liga. Os médicos disseram que não tinha condições para a filha doente e agora está na Casa do Gil", queixa-se.

Manuela Miguel Martins, coordenadora de projectos sociais da Fundação Gil, confirma e acres-



Médico chumbou quarto. A Páscoa, 13 anos, vivia com a mãe, irmão e meio-irmão, num quarto da Pensão 25 de Abril (em cima), onde tinha de fazer tratamentos. As baratas subiam pelo tubo e o médico disse que não podia continuar ali. Vive agora na Casa do Gil, onde partilha o quarto (em baixo) com outra menina.

centa. "Quando a encontramos as baratas subiam pelo tubo da hemodiálise." A menina chama-se Páscoa, tem 13 anos, e fez um transplante renal há um ano. Partilha um quarto, com muita luz, cor e excelentes condições. "Adora estar com a mãe, mas é incompatível enquanto estiver a viver naquelas condições", diz Manuela Martins. Páscoa frequenta a 4.ª classe e não tem alta clínica. A maioria das crianças que estão na Casa do Gil são doentes dos PALOP.

"Não temos condições para apoiar os doentes, embora seja da responsabilidade do Governo da Guiné-Bissau pagar o alojamento, a alimentação e transportes", justifica Mário Silva, responsável pelos serviços sociais da embaixada. A representação diplomática de S. Tomé não respondeu ao DN. A embaixada de Angola tem mais dinheiro e menos doentes a apoiar. Estevão Alberto, da Embaixada de Angola, só lamenta que "os doentes tratados em unidades estatais aguardam o mesmo tempo que os

cidadãos nacionais por cirurgias ou exames, o que acarreta despesas de sobre estadia para o país." Moçambique tem acordos com outros países, nomeadamente com África de Sul, e envia menos doentes para Portugal.

O centro de acolhimento de imigrantes Pedro Arrupe partilha o problema da Casa do Gil.

São também os doentes dos PALOP os principais utentes. Um deles foi Gil Samba, 20 anos, que foi obrigado a sair ao fim de sete meses de ali residir. Há muito que tinha ultrapassado o período de quatro meses previsto para cada utente. Gil deixou a Guiné-Bissau há dois anos, aprendeu a escrever e informática, já teve alta

clínica mas não quer regressar ao seu país. Esteve internado no Hospital de Santa Maria, onde lhe retiraram o braço devido a um tumor no ombro. Foi parar ao Centro dos Sem-Abrijo de Xabregas e, agora, está na Comunidade Vida e Paz, em Venda do Pinheiro, onde aprende artes gráficas e tentam integrá-lo na sociedade. Está revoltado com tudo e com todos. Não quer fotos. Está ilegal e não se pode inscrever na escola. "Não tenho condições no meu país. Todos prometeram ajudar e ninguém ajuda", desabafa. ■

Pensão Camões. Zaida Delgado, de Cabo Verde, prepara a refeição numa cozinha que nem mesa tem. Tem de comer no pátio ou no quarto

